

Resenha

SEVERO, Cristine; SITO, Bento; PEDRO, José (Org.). *Estão as línguas nacionais em perigo?* Lisboa: Escolar Editora, 2014.

Alexandre António Timbane*

O livro *Estão as línguas nacionais em perigo?* procura responder a uma pergunta que preocupa muitos cidadãos curiosos, assim como especialistas em línguas. A pergunta é feita principalmente quando se trata de línguas indígenas e africanas com fraco estatuto político. Esse livro é uma obra que junta diálogo entre três linguistas: a professora Cristine G. Severo (do Brasil), o professor Bento Siteo (de Moçambique) e o professor José Domingos Pedro (de Angola). O prefácio do livro foi escrito pelo investigador, historiador e sociólogo moçambicano, o professor Carlos Serra.

O primeiro capítulo, de Cristine G. Severo, discute sobre as “Línguas e estados nacionais: problematizações históricas e implicações”. A autora problematiza as questões relacionadas às línguas nacionais em contextos coloniais e pós-coloniais nos países africanos e na América Latina, apresentando debates sobre a emergência das línguas, a política linguística colonial e o seu impacto no espaço transnacional e internacional. O capítulo percorre uma discussão profunda sobre as primeiras políticas sobre as línguas, abrindo especial atenção para a formação do português brasileiro. O capítulo mostra como as línguas indígenas brasileiras foram proibidas para que a língua oficial tenha mais visibilidade. O capítulo valoriza algumas políticas municipais que co-oficializaram algumas línguas indígenas brasileiras (guarani, nhenngatu, tucano e baniwa) e línguas europeias (pomerano). Reconhece-se a educação bilíngue como forma do resgate, da preservação e de difusão das línguas menos prestigiadas. O capítulo mostra ainda que a oficialização do português em países africanos de

* Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês (BA).

língua oficial portuguesa tinha como objetivo de acabar com o regionalismo e as etnias africanas, criando assim um Estado-Nação novo e monolíngüístico.

O segundo capítulo, de Bento Siteo, “Línguas moçambicanas, como estamos?”, descreve a complexidade linguística no contexto moçambicano. A experiência do autor como docente de línguas bantu se nota neste capítulo com apresentação da problemática da identificação das línguas, do estatuto e da padronização dessas línguas. O autor estima a existência de vinte línguas faladas em Moçambique, embora esse número seja alvo de debates entre pesquisadores. O autor ainda levanta problemas causados pela política linguística ao oficializar apenas o português, deixando no anonimato várias línguas moçambicanas. O capítulo mostra as razões pelas quais as línguas africanas não se desenvolvem na literatura, assim como a inexistência de dicionários, gramáticas e outros materiais que apoiariam o ensino das línguas moçambicanas. Este capítulo dá um panorama geral dos usos das línguas moçambicanas na vida prática dos moçambicanos: na mobilização política, na televisão e rádio, no jornal, nas atividades religiosas, entre outras situações. Usando o Censo de 2007, o autor termina apresentando alguns dados estatísticos sobre o número de falantes de cada uma das línguas moçambicanas para depois mostrar como a educação bilíngue impulsionaria a sua revitalização num momento em que o número de falantes das línguas moçambicanas reduz drasticamente em prejuízo da língua oficial. Respondendo à pergunta inicial, o autor usa dados das entrevistas realizadas para mostrar que as línguas moçambicanas estão em perigo pelo fato de a) não serem oficiais; b) haver resistência na aplicação da educação bilíngue e; c) faltar materiais (dicionários, gramáticas, produções literárias).

O último capítulo é apresentado por José Domingos Pedro e tem como título “Estão as línguas nacionais em perigo?”. Neste, o autor dá um panorama geral da situação sociolinguística de Angola cruzando com políticas estabelecidas antes e após a independência. O capítulo discute sobre a classificação das línguas angolanas e sua importância na vida dos angolanos. O autor apoia uma política linguística que caminha numa perspectiva de justiça e de paz; apoia criação de ferramentas do tipo: sistemas fonológicos e gramaticais, a padronização ortográfica, a distinção e/ou classificação de línguas e de dialetos, a formação de professores e de formadores nessas línguas angolanas. O autor apoia uma educação bilíngue que valorize as línguas locais. O capítulo termina respondendo à pergunta inicial. Na resposta, ele afirma que as línguas angolanas não estão em perigo e apresenta sete razões que

sustentam os seus argumentos. O autor afirma que nenhum país africano pode lograr feitos de desenvolvimento sem o uso e valorização das suas próprias línguas.

É uma obra de maior relevância para o estudo e debate sobre as línguas minoritárias no Brasil, Angola e Moçambique. Há pouca literatura sobre políticas linguísticas especialmente em Moçambique e Angola, por isso recomenda-se uma leitura atenta desta obra. A resposta para a pergunta que se coloca como título do livro está sempre em aberto e exige de cada leitor uma reflexão profunda sobre o destino da política e do planeamento linguístico no Brasil, Angola e Moçambique.

Recebido em: 20 fev. 2020

Aceito em: 10 abr. 2020

Foto: Capa do livro

